

Rigor construtivo

ABRAMO, Radha.

Isto é Senhor (nº 1064), 7 fev. 1990, p. 91.

Nogueira Lima consolida em sua obra a forma geométrica

Os construtivos brasileiros, como Maurício Nogueira Lima, representam uma variante do construtivismo russo, proclamado no Manifesto Realista (1920) que privilegiava uma arte concreta, orientada pelo vigor plástico da forma geometrizada, da composição do espaço e do cromatismo enxuto e essencial. No Brasil, depois que a escultura *Unidade Tripartida*, de Max Bill (suíço), recebeu o Grande Prêmio da Bienal Internacional, 1951, firmaram-se os movimentos construtivos, difundidos, anteriormente, por Waldemar Cordeiro, em São Paulo e por Mário Pedrosa, no Rio. O primeiro, um artista renovador e polêmico, o outro um pensador com soberba formação teórica. Sem pretensão de fazer aqui a história remota aos dados citados para a avaliação da obra atual do construtivo Maurício Nogueira Lima, exposta na Livraria Letraviva, uma galeria desligada do mercado de arte.

O meio artístico brasileiro, na década de 40, subdividia-se em grupos de excelentes gravadores dedicados ao Realismo Socialista, de pintores medíocres, intuitivos e interessados no cenário das paisagens e de poucos artistas oficialistas, florescentes na ditadura Vargas. Entretanto, os modernistas "da falada Semana de 22" mantinham-se versáteis, porém sem sucessores à altura. A discussão sobre as tendências concretas da arte contemporânea, o prêmio de Max Bill e o frisson da renovação do pós-guerra revitalizam a teoria e a prática artística, no Brasil, com impacto semelhante ao provocado pelos modernistas de 1922. Neste quadro cultural surgem jovens artistas como Nogueira Lima,

Geraldo de Barros, Ivan Serpa, Fejer, Sacilotto, envolvidos com a pesquisa plástica concreta que estimulou o reaprendizado das técnicas e o exercício profissional dessa geração. Uma geração responsável e politicamente comprometida com o trabalho artístico.

A arte concreta e neoconcreta representavam um avanço, uma etapa vencida, com estudo e experimentação que mudarão a imagem medíocre do design, das artes gráficas e visuais e sobretudo das artes plásticas. A grande conquista está na qualidade técnica do trabalho e na mudança de comportamento dos artistas, que como Nogueira Lima, profissionalizam-se frequentando as ciências exatas e humanas. Matemática, geometria, história e filosofia, sempre instrumentos da invenção e da prática artística, na década de 50, tornam-se veículos para a criação artística, fomentam a intuição e a sensibilidade.

A obra de Maurício Nogueira Lima, sempre pautada pelo rigor plástico, desdobra-se no design, publicidade, programação visual, artes gráficas e arquitetura. Professor de centenas de alunos, teve e tem a felicidade de difundir uma formação concreta da arte e da cultura plástica. A forma geométrica é uma constante em toda a sua obra, mesmo quando trabalhou com a *Pop-Art*, nos anos 60, usando o desenho na figura como signo plástico.

Nas últimas décadas Nogueira Lima vem gradativamente substituindo as formas geométricas planas por massas de cor que se avolumam criando a ilusão ótica dos seus possíveis movimentos tridimensionais no espaço linear das telas. O objeto da sua arte é a própria pintura, montada com figuras geométricas, cujo desenho se reinventa de acordo com o olhar do seu espectador. As cores usadas nas obras de 1989 demonstram que o artista permite a liberalidade da pintura gestual que tenciona o cromatismo das telas.

Sua exposição na Letraviva composta com apenas 14 telas exhibe um universo de encontros poéticos entre cores, formas e linhas. Embora

aparentemente tímido, o artista ainda ousa fazer uma arte construtiva de origem solidária e democrática, em favor de uma nova sociedade. A obra de Nogueira Lima destina-se à seriação e a à multiplicação visando a redistribuição social da criação artística.

